



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS Rio de Janeiro - RJ - Brasil

PERCEPÇÕES DA POPULAÇÃO USUÁRIA DA PPC/UERJ SOBRE A POPULAÇÃO LGBT E SEU ACESSO A DIREITOS

Caroline Moreira Cabral (UERJ) - carol.m.cabraluerj@gmail.com

Welison Matheus Fontes da Silva (UERJ) - fonteswelison@gmail.com

PERCEPÇÕES DA POPULAÇÃO USUÁRIA DA PPC/UERJ SOBRE A POPULAÇÃO LGBT E SEU ACESSO A DIREITOS

Palavras-chave: Política de Saúde, Serviço Social, População LGBT, Educação em Saúde, Promoção de Direitos.

Keywords: Health Policy, Social Work, LGBT Population, Health Education, Rights Promotion.

1. INTRODUÇÃO

A história da política de saúde relaciona-se diretamente aos processos políticos em curso no país. Neste sentido, como qualquer outra política pública, ela está relacionada às demandas da população e ao projeto político dominante. O presente trabalho é fruto da experiência de estágio supervisionado no qual apresento a pesquisa realizada junto a usuários/as da PPC/UERJ, que levantou as percepções daqueles/as usuários/as acerca da população LGBT, bem como procurou se aproximar da sua compreensão quanto aos preconceitos, discriminação, e a relação da população LGBT com a saúde. Tal pesquisa foi elaborada no intuito de buscar uma aproximação acerca da compreensão da população usuária para subsidiar a concepção de um Grupo de Sala de Espera – GSE, que tratasse de educação em saúde e promoção de direitos da População LGBT, buscando ir ao encontro do projeto ético-político do Serviço Social brasileiro contemporâneo, que se coloca contra todas as formas de opressão, e que entende que o/a assistente social também é co-responsável por compreender como se dão tais questões no cotidiano institucional e por ser vanguarda na promoção de direitos.

2. DESENVOLVIMENTO

No que se refere à primeira parte da execução do projeto de intervenção, a atuação nos Grupos de Salas de Espera - GSE, o objetivo a ser alcançado foi uma abordagem voltada para a discussão sobre a LGBTfobia, a promoção de direitos da população LGBT com o objetivo de apresentar a discussão do preconceito, atuando com a educação em saúde, refletindo o conceito ampliado de saúde inerente à Lei Orgânica da Saúde, e desenvolvendo através dos Grupos de Sala de Espera discussões, a desconstrução do senso comum sobre elas e a ampliação do debate tão pertinente para a população em geral, como maneira de fazer avançar o combate às discriminações e opressões, assim como está previsto no Código de Ética do Assistente Social. Partimos desta forma de intervenção por compreender que a atividade nos GSE apresenta um espaço muito rico em

que o trabalho de grupo pode fomentar importantes debates, possibilitar a reflexão crítica e instrumentalizar os/as usuários/as ali presentes. O nosso papel ali é de possibilitar um espaço de reflexão crítica, de contribuição com novas informações e troca com os/as usuários/as, reconhecendo a importância destes nessa troca. Além disso, consideramos determinante para a execução do projeto, que pudéssemos ter algum conhecimento sobre as construções dos/as usuários/as em relação ao tema proposto. Para isso, foi realizada uma pesquisa que consistiu em aplicar uma entrevista semi-estruturada acerca de suas apreensões sobre a temática LGBT. Partindo dos dados coletados, foi feita uma pesquisa qualitativa e quantitativa acerca das informações que diz respeito às compreensões e percepções dos usuários a respeito do conhecimento sobre a realidade da população LGBT, bem como, a percepção sobre os preconceitos tanto que as pessoas LGBTs sofrem, como do reconhecimento ou não de que a população reproduz a LGBTfobia. Um dos elementos determinados no trabalho de campo foi a dimensão da amostra, o número de entrevistas. Optamos pelo quantitativo de 20 entrevistas. Outra escolha prévia foi a de aplicar o formulário junto a usuários/as de diferentes ambulatórios. Como os/as usuários/as de alguns ambulatórios tem características muito homogêneas, buscou-se assim assegurar diversidade à amostra. Também buscamos variar em relação ao gênero mesmo não tendo determinado um número exato de pessoas de cada sexo, verificávamos que havia mais mulheres do que homens nas salas de espera, então, em alguns momentos, buscávamos usuários do gênero masculino para que a pesquisa não fosse composta apenas por mulheres, pois gostaríamos que fosse bem diversa a participação. O levantamento de dados aqui apresentados e interpretados, diz respeito à pesquisa desenvolvida com 20 usuários da Policlínica, por meio de entrevistas com formulário, num período de 3 meses.

3. RESULTADOS

A pesquisa foi realizada em alguns ambulatórios da PPC/UERJ, enquanto os/as usuários /as aguardavam o atendimento médico ou com assistente social. Como mencionado, nesses ambulatórios se encontravam muito mais mulheres do que homens. Os homens entrevistados estavam concentrados em três ambulatórios, na clínica médica 16%, urologia 17% e cardiologia 50%. As mulheres estavam divididas em mais ambulatórios, 36% na ginecologia, 29% na cardiologia, e 7% na vascular, reumatologia, neurologia e serviço social. Entre os que não deram informação estão 7% das mulheres e 17% dos homens. A maior parte dos usuários entrevistados foram do gênero feminino, sendo 14 mulheres, 6 homens, todos/as se colocaram como cisgêneros², entre as mulheres todas afirmaram ser heterossexuais, e entre os homens apenas um se colocou como *gay*. A religião professada predominante entre os/as respondentes, conforme estes denominam, foi “evangélica”. Sendo um total de 50% dos homens e 50% das mulheres. Entre as mulheres,

29% se declararam católicas, chegando a um total de 79% das usuárias declararem uma religião cristã, e 21% destas usuárias se declararam sem religião. Quanto aos usuários homens, 33% professaram ser católicos e 17% espíritas, nenhum usuário alegou não ter religião, todos professaram algum tipo de credo. Outro elemento que surpreendeu, devido as nossas próprias percepções, que nesse caso, refletiam o senso comum, é que mesmo pessoas com mais idade mostraram-se a par das discussões sobre gênero e sexualidade quem estavam sendo debatidas publicamente no momento no dia a dia e nos meios de comunicações e - muitas delas - não apresentaram falas preconceituosas. Esse dado foi observado durante as entrevistas pelos 3 entrevistadores que compunham a equipe de estagiários do projeto “Repensando as estratégias de prevenção e promoção de saúde em DST e HIV e Aids”. Ao concluirmos as entrevistas e realizada a análise qualitativa e quantitativa dos dados coletados, pudemos elaborar as outras partes do projeto de intervenção. Partindo da análise dos dados, percebíamos que a fala dos/as usuários/as refletiu muitas contradições e paradoxos no que se refere ao debate do tema. Na maioria das falas, observamos que, ora o/a usuário/a se colocava como um sujeito que é contra a LGBTfobia e, simultaneamente, mesmo/a usuário/a fazia uma fala que reiterava/justificava a LGBTfobia. Como podemos exemplificar a partir da fala de um/a usuário/a que defende a necessidade de respeitar e tratar bem, mas ao mesmo tempo não se sente bem ao ver casais homossexuais caminhando de mãos dadas. Além disso, parte considerável dos/as usuários/as conhecia ou tinha pessoas próximas que são autodeclaradas como LGBT, num total de 85% dos entrevistados. Apesar de declararem não terem muita compreensão do tema, por exemplo, da diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, como aponta a pesquisa, e reiterando preconceitos em algumas falas, observou-se que a discussão abordada é bem próxima da realidade dos/as usuários/as, não produzindo estranhamento. Um elemento consistente dessa afirmação, é que nas falas, 100% dos/as usuários/as afirmaram que pessoas LGBTs sofrem preconceitos e violências de diferentes tipos por serem LGBT. A pesquisa que teve um caráter amostral pretendeu expor as posições dos/as usuários/as e partindo dela, a reflexão deles/as a respeito do tema e sobre como podemos intervir na educação em saúde, nos grupos de sala de espera. Buscou-se ainda, levantar questões acerca de como o conhecimento sobre o tema chegou até estes/as usuários/as, e quais são esses conhecimentos, sobre o quanto a mídia pode estar interferindo ou não nessas apreensões, sobre o quanto o pertencimento religioso influencia ou não suas construções sobre o tema e sobre a provável relação do gênero dos/as usuários/as com suas percepções sobre o tema. Procuramos refletir também sobre nós, como profissionais que intervêm na realidade com práticas educativas que buscam a construção de novos conhecimentos e que tem uma prática direcionada à intenção da eliminar diferentes formas de preconceito.

4. CONCLUSÃO

A pesquisa aqui exposta e analisada serviu como base para reflexão acerca do tema pela equipe, contribuindo para nossa apreensão da temática proposta, bem como para refletir sobre as opiniões e conhecimentos dos/as usuários/as entrevistados/as no que se refere à realidade e a questão dos direitos das pessoas LGBT. O GSE que foi elaborado após a pesquisa pode partir da discussão acerca da educação em saúde, discutindo a diversidade sexual e de gênero e a promoção de direitos. Num contexto de grande polarização política, também foi um desafio abrir um GSE com uma temática que ainda gera grandes debates e conflitos e, que, muitas vezes, traz à tona discussões acaloradas. No entanto, a elaboração das entrevistas e reflexão nas respostas dos/as usuários/as, nas contradições que permeiam seus conhecimentos e opiniões sobre o tema, com certeza nos fortaleceram para fazer um GSE com mais preparo e confiança, também acerca de discussões no atual cenário político brasileiro como “cura gay”, “kit gay”, “escola sem partido”, “ideologia de gênero”, que, sem dúvida, foram discutidos pela equipe junto à população usuária a fim de contribuir para o pensamento crítico sobre tais temas, além de dar alguns passos, mesmo que pequenos, na desconstrução de preconceitos.